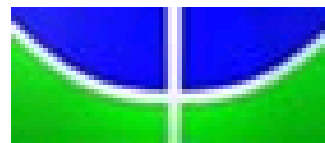


Universidade de Brasília – UnB

Faculdade de Comunicação Social - FAC

Departamento de Publicidade e Propaganda

Curso de Comunicação Social



Grafite e Pichação: os dois lados que atuam no meio urbano.

Aluna: Joana Gonçalves Vieira Lopes

Orientadora: Susana Dobal

Brasília, DF Junho, 1º/2011

Resumo

O grafite, apesar de ser considerado por muitos um tipo de arte moderna, uma arte urbana com novas tendências e forma de expressão contemporânea, ainda encontra dificuldade de aceitação, pois, além de ser uma evolução da pichação, foi amplamente utilizada como propaganda contra o governo durante as ditaduras. Também por ser um meio de expressão mais novo e rebelde, os jovens, principalmente das periferias, encontram-se maravilhados e envolvidos por esse meio artístico, no qual encontram uma forma de expressar seu sentimento de opressão e de se mostrar ao mundo. O próprio governo nos dias de hoje reforça o uso do grafite e o reconhece como arte, faz ainda uso dele na criação de programas de inserção social e capacitação de jovens e adultos, desta forma, diminuindo a criminalidade. O grafite é uma forma de arte, que não se encontra em museus, mas, muito pelo contrário, faz das paisagens urbanas a sua galeria de exposição e nos mantém em contato com ela no nosso dia-a-dia. Brasília, por ser uma cidade nova e por ser a capital do país, encontra dificuldade de aceitação dos grafites. Isso, no entanto começa a mudar; além da cidade conviver com programas do governo que apoiam essa forma de expressão, são também vistos alguns indícios do uso do grafite como decoração e propaganda utilizada por comerciantes.

Palavras-chave: arte urbana, arte moderna, grafite, hip-hop

Abstract

Although graffiti is considered by many as a kind of modern art, an urban art with new trends and a contemporary way of expression, it still faces difficulty to be accepted by society, because, also for being an evolution on spray painting, it was used as anti-government propaganda during dictatorships, it still finds barriers to its acceptance. Also, because is a newer and rebel cultural activity, youngsters, mainly from metropolis's suburbs, find themselves wondered and involved by this artistic trend through which they find a way to express their feelings of oppression and show it to the world. The government itself, nowadays, makes use of this new type of art on the creation of social programs for social inclusion and even recognizes it as art. They have been developing programs that even help to reduce crime and violence on suburbs. Graffiti is a type of art that is not found in museums but, on the contrary, uses urban landscapes as their exposure galleries and keeps us in touch with this art on our every day routine. Because Brasilia is a young city and also the capital of the country, it still finds problems on accepting graffiti. Although, this is starting to change, the city has government programs that support this kind of expression, besides, there are also evidences of the use of graffiti as decoration and propaganda used by merchants.

Keywords: urban art, modern art, graffiti, hip-hop

Agradecimentos.

Inicialmente, agradeço a Deus, aos meus pais e irmãos por acreditarem em mim, apoiaram-me e me darem forças. Apesar da distância, vocês fazem parte do meu coração e de tudo na minha vida!

À minha orientadora Susana Dobal pelo apoio e dedicação sem a qual não teria conseguido realizar este projeto.

À Plácida Lopes e Aina Correia, grandes amigas que me ajudaram quando mais precisei.

Um agradecimento especial aos amigos Rafael Ramirez Rivera e Ngombo Paulina Daniel.

Aos grandes mestres da pintura e aos grandes artistas urbanos influenciados por eles que nos permitiram admirar suas obras públicas modernas.

E finalmente, agradeço a todos aqueles que me ajudaram direta ou indiretamente para o desenvolvimento e conclusão deste projeto, ninguém é menos ou mais importante. Muito obrigada a todos vocês!

1. Introdução

"É curioso que no mundo a coragem física seja tão comum e a coragem moral tão rara." Mark Twain.

O espaço utilizado pelos grafiteiros para a exposição de obras são as ruas e os seus muros. Este trabalho pretende destacar sua riqueza como forma de expressão artística e cultural através de um ensaio fotográfico. O local escolhido para a exposição fotográfica foi a Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Mas, para que haja, é necessária a compreensão da sua origem e o contexto social e moral que os grafites tratam.

Na sociedade moderna, é comum dar valor a homens que tenham coragem de realizar tarefas de risco de forma excepcional ou de risco por um bem maior. Porém, os objetivos dos artistas do grafite são, na maioria, de ordem social e de reflexão. Os artistas buscam, por meio das suas obras, realizarem mudanças no mundo da ordem moral, no entanto, estes artistas possuem pouco reconhecimento ou são, ainda, confundidos com pichadores e vândalos.

O grafite sempre foi motivo de admiração e de curiosidade pois, muitas vezes, mostram figuras, frases ou personagens que causam alguma sensação ou de desconforto ou de reflexão e simpatia. Por esse motivo o grafite pode ser considerado um meio de expressão pois, de uma forma ou de outra, ele nos conta uma história, seja de acontecimentos ou de sentimentos e pensamentos.

Desde o aparecimento do homem na Terra, e durante a sua evolução até os dias atuais, tem sido de grande necessidade documentar fatos históricos, emoções, pensamentos, desejos e sentimentos fazendo-se o uso de todo tipo de linguagens pertencentes à época. Dentre todas as linguagens existentes, o desenho e a simbologia são as mais antigas e mais utilizadas de todas, inclusive nos dias de hoje.

Nas civilizações mais antigas, como a dos egípcios, ocorria a narração de fatos em hieróglifos nas paredes dos túmulos dos faraós. Apesar de predominar a função decorativa e a aplicação de técnicas requintadas, ainda pode-se distinguir e perceber relatos e mensagens que tinham como finalidade retratar os objetivos, os feitos e os cultos aos grandes líderes (Gitahy, 1999). Atualmente pode-se dizer que qualquer obra, tenha ela sido criada com o objetivo de decorar ou de comunicar, considera-se como uma manifestação cultural, incluindo-se, também, a pintura rupestre. As manifestações culturais também fazem parte, na sua grande maioria, do conceito de arte. O desenho e suas variações como pinturas, rabiscos, gravuras e

até mesmo esculturas são vistas como arte e, conseqüentemente, possuem um ponto de vista, uma moral, um sentimento, uma forma de expressão ou uma forma de comunicação.

“As gangues também utilizam uma forma de inscrição para demarcar território, com seus códigos e símbolos característicos. Paralelamente ao surgimento do grafite, na década de 60, surgem também as pichações – que vão desde a manifestação política, passando pela competição entre aqueles que conseguem atingir os locais de acesso mais difícil (como o alto de edifícios) – até o simples ato de vandalismo em prédios públicos e monumentos. Nessas atividades transgressivas, o uso do spray torna a técnica fácil e rápida, muito adequada para facilitar a fuga dos flagrantes da vigilância e da polícia” (Lazzarin, 2007).

Com o crescimento urbano e a falta de competência dos órgãos públicos e dos governantes, começam a aparecer os problemas da grande densidade populacional: a falta de emprego, de infraestrutura, de transporte, de serviços de saúde e de segurança e, conseqüentemente a opressão das classes menos favorecidas. Todos estes fatores levam ao aumento da criminalidade, à criação do pensamento em que o fim justifica os meios; o fim é a busca do sucesso e do poder. Aparecem aqui dois grupos: os pichadores e os grafiteiros. No grupo dos pichadores prevalece um nível de confrontação violenta e provocação da autoridade, sem qualquer pretensão artística e insere-se em uma espécie de jogo, com dois desafios a serem vencidos, um interno e outro externo ao grupo dos pichadores que é deixar sua marca no lugar de mais difícil acesso – seja pela topografia, seja pela vigilância ou proibição de acesso – e não ser pego pela polícia ou vigilância. Quem vence esses desafios é respeitado e legitimado como participante do grupo. Já no grupo dos grafiteiros prevalece o lado artístico, do humor, das mensagens e da moral, almeja visibilidade e reconhecimento como artista pela sociedade. Apesar de possuírem esta diferenciação existe um ponto comum que permanece entre pichação e grafite: a assinatura pessoal também chamada de *tag*. Essa é a marca registrada, o sinal de autoria da obra, e todo grafiteiro ou pichador tem o seu (Lazzarin, 2007).



Fig1. Tag em um mural de grafite Ceilândia



Fig2. Tag em mural de grafite na Ceilândia



Fig. 3. Tag em mural em Samambaia

Vale ressaltar que o grafite é uma forma de pichação, mas difere, em muito do significado mais moderno de *pichação*.

“Grafite tem origem no termo italiano graffito, que deriva do latim graphium. Inicialmente, designou um estilete utilizado para escrever sobre placas de cera. Posteriormente, a forma plural, graffiti, nomeou as inscrições gravadas na pré-história e na antiga Roma. Em 1965, a palavra graffiti foi utilizada para definir

as pichações com spray e, nos anos 70, para indicar as modernas pinturas feitas com a mesma tinta. O termo pichação remete às inscrições realizadas com piche em muros na antiga Roma. Adquiriu arbitrariamente uma conotação pejorativa, quando se tornou uma prática de protesto social nos bairros periféricos de Nova Iorque, na década de 1960, e, mais tarde, quando foi utilizado por torcidas organizadas em práticas ilegais ou por grupos de controle do narcotráfico, mais especificamente nos bairros do Bronx e Harlem” (Schultz, 2010).

Apesar de existir uma distância física e temporal entre a antiga civilização Romana e as grandes metrópoles contemporâneas, percebe-se a influência que estas exerceram sobre as sociedades modernas. Este tipo de manifestação cultural evoluiu e, com o passar de tempo, inspirou artistas nas práticas de pinturas e gravuras. Ele ressurgiu no século XX como uma forma de se expressar de maneira rápida, graças à criação de tinta em spray, e também é utilizada como forma de marcação. As linhas, cores, figuras e formatos do grafite sempre são incentivados por temas referentes à sociedade moderna, por isso, ele pode ser classificado como linguagem social e, **na maioria dos casos**, uma arte.

Em geral, estes murais questionam a falta de sérias lideranças éticas no país e no mundo, os problemas enfrentados pela sociedade como um todo ou por grupos excluídos da sociedade, a opressão causada pela diferença de classes, a violência, a ironia de acontecimentos políticos e suas consequências, muitas vezes, vistos com muito humor e descontração. (Gitahy, 1999).



Fig. 4. Mural na Quadra de esportes da Praça do Cidadão na Ceilândia.

O grafite teve uma significativa expansão entre as artes de rua nas últimas duas décadas, convidando os transeuntes a um momento de reflexão, fruição estética e às vezes até a participarem de suas obras. Expandiu-se por muros e paredes do mundo, invadiu museus e galerias sofisticadas da capital paulista e de várias cidades européias, transformou-se num grande museu a céu aberto, com a vantagem de se renovar espontaneamente, ao sabor da criatividade individual e coletiva de um número considerável de criadores (Santos, 2008).



Fig. 5. Mural retratando diversas obras de vários artistas na Praça do Cidadão, em Ceilândia

O projeto da SSP (Secretaria de Segurança Pública), em parceria com o Banco de Brasília – Picasso não Pichava – tem como objetivo retirar jovens envolvidos em atividades criminais e violentas e, através de oficinas e palestras, incentivar o desenvolvimento de habilidades para arte e esporte, como judô, basquete, música, artes plásticas e informática além de promover a cidadania e a importância de se preservar a cidade.

Dentre as palestras oferecidas encontram-se os temas pichação, cidadania e drogas. As palestras têm como foco incentivar os jovens a se manterem longe das drogas, conservar a cidade limpa e livre de pichações e buscar meios de revitalizar e valorizar a cidade. Os palestrantes e professores das oficinas são pessoas que, assim como os frequentadores, **procuraram** uma forma de se afastar do mundo do crime e das drogas e aperfeiçoar suas habilidades na expectativa de encontrar outras maneiras de se expressar sem danificar o espaço público.

“Como todo texto, o grafite é portador de significação, que, nesse caso, é dada pela visualidade em que são conjugados recursos da linguagem dos desenhos,

do verbal escrito, da pintura, que, juntos concretizam e incorporam uma identidade de grupo ou de uma cidade ou comunidade, em produções que trazem o cotidiano e os elementos identitários de seus enunciadores, explorando experiências de mundo e de enfrentamento da realidade que se dão nas ruas, aos olhos de todos os que nelas circulam”. Zuin, 2004. Revista Internacional de Folkcomunicação, Pág. 2.

2. Justificativa

O grafite chama a atenção não somente pelo uso de cores, linhas e formas chamativas, mas, também, pela localização e os temas muitas vezes abordados nestas obras, além de acabar criando um contraste colorido no meio urbano cinzento. Apesar de o grafite ser considerado por algumas pessoas como arte, ainda há um preconceito com relação à sua execução. Por muito tempo o grafite e a pichação foram vistos como uma forma de vandalismo e rebeldia contra a moral e a lei estabelecida pelos dirigentes do Estado. Atualmente esta visão tem mudado, mas ainda há esse preconceito. É necessário que se entenda que o grafite não é vandalismo, é, na verdade, uma forma de arte e de expressão e, quando incentivada e aplicada da forma correta, ajuda a construir a cidadania individual e coletiva chegando, inclusive, à diminuição da criminalidade, a inserção de jovens no mercado de trabalho e realça os valores sociais e familiares. Para entender-se a diferença entre pichação e grafite é necessário falar das principais diferenças, suas origens e sua evolução.

Em Brasília esta forma de expressão encontra-se cada vez mais presente, porém, é mais freqüente em cidades satélites. Há apenas alguns grafites dentro do Plano Piloto uma vez que parece predominar a idéia de valorização dos imóveis preservando as suas fachadas pelo que é comumente visto como belo, e não pelo lado artístico. Existem, porém, empresas e lojas no Plano Piloto que utilizam o grafite como forma de valorizar e chamar a atenção destes pontos comerciais sendo que uma grande parte destes artistas envolvidos vem das cidades satélites.

3. Objetivos

Este trabalho tem como objetivo mostrar, através de um ensaio fotográfico, a beleza do grafite e a diferença que há entre ele e a pichação. Para isso serão fotografados vários murais de grafite encontrados nas cidades de Brasília e suas periferias a fim de mostrar a sua beleza e suas mensagens. Através deste ensaio será mostrado, também, que o grafite possui influência de outros tipos de artes da pintura.

Para alcançar estes objetivos, será realizado um projeto escrito mostrando a história e origem do grafite, as influências que o regem e sua importância social, além, de um ensaio fotográfico a fim de ressaltar o lado artístico, a expressividade contida nas obras é a diferença que existe em relação com a pichação.

4. Pichação

Assim como o grafite, a pichação também possui um marco de atuação na história das civilizações. A pichação foi um dos meios mais utilizados para a descrição de eventos históricos em murais e, juntamente com o grafite, evoluiu e se tornou também uma forma de expressão.

A pichação em si era amplamente utilizada na época das ditaduras e em confrontos sociais, normalmente mostrando a insatisfação com a sociedade da época. Mas, apesar de possuir o mesmo objetivo do grafite, a pichação é mais agressiva e menos artística. Normalmente faz uso de tinta spray o que facilita a sua aplicação e fuga dos infratores.

Apesar de o grafite ser uma forma de pichação ela é vista apenas como uma contravenção legal pela justiça, uma vez que ela possui caráter artístico e expressivo, porém, a pichação é considerada crime ambiental e vandalismo desde 1998 sendo punível com reclusão e multa.

Atualmente a pichação encontra-se envolvida com grupos de gangues que fazem uso de violência para obter controle de áreas menos protegidas pelos órgãos públicos. Já, o grafite, faz parte de grupos que possuem uma visão da sociedade e procuram, por meio da arte, tentar fornecer meios de reflexão. Eles são executados em muros com consentimento prévio, pois além de ser uma forma de manifestação, são mais elaborados e demandam mais tempo.



Fig. 6 (acima) e 7 (embaixo). Casas pichadas na quadra 706 e 708 sul.



Coincidentemente, as áreas que apresentam um maior índice de violência e pichações também são as regiões que apresentam um grande número de grafites pelas ruas da cidade. Nota-se que existe uma relação entre a pichação e o grafite. Nas áreas que possuem fácil disseminação de violência e criminalidade e que se encontram sob uma forma de opressão podem ser vistos esses dois tipos de manifestação.

Assim como o grafite possui a identificação do grafiteiro ou do grupo responsável, a pichação é em si, a identificação do grupo responsável pela área em que se encontram e, muitas **vezes**, existe um confronto entre estes grupos que em geral possui um fim violento.

5. Tipos de grafite.

O grafite, na sua forma prática, é uma arte com técnicas variadas. Assim como na pintura existem as pinturas a óleo ou aquarela, no grafite, existem as mais variadas técnicas da arte urbana em murais. A técnica mais conhecida de execução de grafite é através do uso de tinta em spray, que facilita tanto na sua aquisição como no tempo gasto para criar uma obra, porém, segundo De Paula (2011), existem outras categorias relacionadas a seguir.

Grafite 3D - São murais que apresentam profundidade, não possuem contornos e exige um domínio maior de técnicas por parte do grafiteiro para realizar combinação de cores e formas.



Fig. 8. Amostra de grafite 3D (retirado do site <http://www.pautadebuteco.com.br/2009/06/grafite-3d-arte-nas-ruas-part-ii.html>)

Wildstyle – Associado ao *hip hop* a sua principal característica são letras distorcidas cobrindo o desenho quase por completo. As suas letras são complicadas de entender com o objetivo de serem decifradas por pessoas que pertencem ao mundo do grafite e conhecem seus códigos. É uma técnica que busca confundir as autoridades dificultando a identificação do grafiteiro ou seu grupo.



Fig. 9. Amostra de grafite wildstyle (retirado do site <http://screw.no.comunidades.net/index.php?pagina=1198739516>).

Bomber – Conhecido também como *Vômito* e *Throw-up*. Possui letras de aparência gorda, aparentemente vivas, realizadas com duas ou três cores. Os pichadores começam normalmente fazendo uso desta técnica. Há presença também de uso combinado de técnicas de pintura como tinta látex e de rolinhos com outros materiais como o *spray* ou o pincel atômico.



Fig. 10. Amostra de grafite bomber (retirado do site <http://vaquinhadointer.blogspot.com>)

Letras grafitadas - É uma mistura entre grafite e pichação, normalmente mais sofisticadas que o *bomber*. A letra grafitada é uma assinatura de grupo, assim como o *throw-up* e o *hip hop*.



Fig. 11. Amostra de letras grafitadas (retirado do site <http://www.hiphopbr.cjb.net>)

Grafite artístico ou livre figuração - Nesse estilo se encontra de tudo: caricaturas, personagens de história em quadrinhos, figurações realistas e também elementos abstratos. Baseia-se no uso do traço à mão livre e liberdade de exploração de temas. Também utiliza cores com contrastes e encontra-se altamente influenciado por vídeo clipes e vídeo games.



Fig. 12. Amostra de grafite livre (retirado do site <http://www.brasilecola.com/artes/grafite.htm>)

Grafitos com máscaras e spray – Esta técnica facilita a realização do mural e a disseminação do *Tag*, seja individual ou de um grupo.



Fig. 13. Mural feito com tinta spray na praça do cidadão, em Ceilândia

Há ainda a presença de estilos variados que ainda não possuem classificação ou que fazem uso de mais de uma técnica, como na obra de Di Cavalcanti (ver mais adiante Figura 14 na página 17) retratada na fachada do Teatro da Cultura Artística em São Paulo onde foram utilizadas pastilhas para a realização do mural.

6. O Grafite no século XX

No início do século XX nascia uma nova forma de arte, uma arte urbana, uma arte livre para todos, nascia um início de grafite. Alguns dos grandes pintores mexicanos como Diego Rivera, José Clemente Orozco e David Alfaro Siqueiros faziam uso desta técnica de pintura de mural. *“Em 1905, o Dr. AIL (pseudônimo do pintor Bernardo Carnada) publicou um manifesto defendendo a necessidade de uma arte pública e, em 1920, fez apelo a artistas em Barcelona (Espanha) proclamando a necessidade de promover uma arte que falasse às multidões ‘Pintaremos os muros das ruas e das paredes dos edifícios públicos, dos sindicatos, de todos os cantos onde se reúne gente que trabalha’”* (Gitahy, 1999). Nascia naquele momento o grafite, não como o conhecemos hoje, mas a essência era a mesma: uma forma de arte que fosse pública, não encontrada em museus ou em coleções privadas; nascia uma arte gratuita e que poderia ser vista e entendida por todos; nascia uma arte do povo para o povo.

O século XX testemunhou ainda pintores mexicanos utilizando a técnica da pintura mural para decorar edifícios públicos. Passados 15 anos, Siqueiros, realiza uma viagem pela Europa buscando criar um novo etilo artístico para os pintores do continente americano. Após ter contato com os diversos estilos, como o cubismo na França e o renascimento na Itália, quando chega a Barcelona, faz um apelo para os artistas americanos e chama a atenção para a necessidade de levar a arte às multidões.

O grafite, desde o seu surgimento, era uma forma de contestação política, inicialmente na Europa, como forma de manifestações estudantis. Porém, ele só adquiriu sua forma de inscrição urbana na década de 60 e se espalhou para o continente americano sofrendo influências *hippie* e *punk* nas décadas de 70 e 80. (Lazzarin, 2007).

Os muros de Paris foram pintados com pichações de palavras de ordem, o que caracterizou a revolução contra cultural de Maio de 1968 na França. Multidões estudantis protestavam contra a política estabelecida no país. Também, chamavam por igualdade entre raças e sexo e protestava contra a desigualdade econômica. Os trabalhadores, que também passavam por dificuldades e exigiam remuneração maior, aderiram ao movimento estudantil e

realizaram uma paralisação geral. Um dos principais meios utilizados para recrutar e, também, como forma de protesto, eram os muros das ruas, onde eram deixadas mensagens à vista do público. Algumas das frases mais vistas nas ruas de Paris, documentadas por jornalistas, eram:

"Abaixo o realismo socialista. Viva o surrealismo."

"A ação não deve ser uma reação, mas uma criação."

"Antes de escrever, aprenda a pensar."

"Corram camaradas, o velho mundo está atrás de vocês."

"A emancipação do homem será total ou não será."

"Eu participo. Tu participas. Ele participa. Nós participamos. Vós participais. Eles lucram."

"As paredes têm ouvidos. Seus ouvidos têm paredes."

"A poesia está na rua."

"A arte está morta, não consumamos o seu cadáver."

"Escrevam por toda a parte!"

"Um homem não é estúpido ou inteligente: ele é livre ou não é."

(Retirado do site G1 disponível em:
<http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0,,MUL463636-15530,00.html>).

Nesta época a rua passou a ser o palco da história e os muros grafitados foram fonte de inspiração para movimentos jovens que buscavam a transformação social. Benedetti (n.d.) diz que *"... instalaram verdadeiras sociedades alternativas, contrárias às políticas da época. [e que] Foram nesses centros, inclusive, que nasceram e ganharam força muitos grupos que difundiam idéias anarquistas."*

A liberdade de expressão e registro do movimento estudantil se mostra como uma democracia e desvinculada com qualquer ideologia. São evidentes marcas, logotipos, rabiscos, ícones e símbolos: todos estes significados, sejam agrupados ou individuais, formam uma espécie de painéis e passam a registrar palavras de ordem e amor, mensagens, imagens e poemas que podem vir a ser lidos por qualquer espectador (Cruz & Costa, 2008).

Na década de 70, o grafite começa a tomar as ruas dos guetos de Nova Iorque, nos Estados Unidos. É aqui que o grafite toma a sua forma propriamente dita, os murais retratam a insatisfação e a preocupação com o aumento da criminalidade, violência e conflitos entre

gângues no gueto que muitas vezes cravavam guerras raciais por controle dos bairros (Gitahy, 1999).

Sua explosão foi em Nova Iorque, na parte sul do bairro de Bronx e no Brooklin no final dos anos 60, quando surgiu o movimento do Hip-Hop, que era a junção da forma cíclica de como se transmitia a cultura dos guetos norte-americanos com a forma mais popular de dançar na época que era o salto (Hop) e movimentando os quadris (Hip) (Corniani, 2008: Lazzarin, 2007). Encontra-se nesta época e região, uma das maiores populações menos favorecidas e mais oprimidas pela própria sociedade e que buscava uma forma de expressão. Porém, foi na década de 70 que o DJ Jamaicano Kool Herc introduziu, em Nova Iorque, a tradição dos sistemas portáteis de som e o canto falado, o Rap. Juntando-se o tipo de dança (Break), a música (Rap) e a pintura (Grafite), têm-se hoje um dos movimentos mais difundidos no mundo inteiro e causadores de grandes movimentações e empatias, principalmente das periferias urbanas, as menos favorecidas e mais oprimidas.

Um artista influente no mundo do grafite foi Jean-Michel Basquiat, que viveu entre os anos 1960 e 1988 e é considerado o precursor do estilo de grafite contemporâneo e da arte urbana. Alguns diziam que Basquiat “... expressava as ruínas sociais e políticas nos muros.” (Lima, n.d.) e que abriu caminho para o que chamamos de uma “estética da grafiteagem” e do grafiteiro como criador de novos conceitos de expressão social. Basquiat promoveu a expressão da rua e do submundo de Nova York de forma tão intensa que o grafite ganhou legitimidade “no circuito oficial da arte, tornou conhecidos em nível internacional, nomes como Keith Haring...” (Palmeira e França, 2004).

7. O Grafite no Brasil

Seguindo o exemplo de revoltas sociais, no Brasil, os movimentos estudantis foram ganhando força durante a ditadura militar e, para campanha contra a opressão militar, estes movimentos faziam uso da pichação em muros assim como as manifestações na Europa o faziam. Porém, o grafite, ainda não tinha se estabelecido no Brasil como uma forma de expressão urbana, mas, nos anos 50 se via um precursor do grafite. Nesta década podia se ver vários edifícios com as suas fachadas pintadas retratando história e arte brasileira.

Juntando-se os elementos da arte em mural retratada na década de 50 e as formas muralistas de protesto “... o grafite foi tomando corpo e se expandindo por outros espaços chegando a ser o que é hoje: uma comunicação dos panoramas social e cultural das urbes”

(Zuin, 2004 pág. 2) Um exemplo das primeiras aparições de arte em mural no Brasil, com retrato da sua história, é a obra realizada por Di Cavalcanti na fachada do Teatro da Cultura Artística no centro de São Paulo.



Fig.14 Foto do mural de Di Cavalcanti na fachada do Teatro da Cultura Artística em São Paulo. (Retirado do site www.produçãocultural.org)

Na década de 80, e influenciada pela *pop-art* norte-americana, a pintura muralista já apontava para a origem do grafite como uma autêntica expressão humana, o qual tem sua consagração como linguagem artística nos anos 90. Na trajetória rumo ao 3º milênio, conquista espaço na mídia, nas novelas de TV, em manchetes de jornais e inclusive na Bienal (Cruz & Costa, 2008). Naquele momento no Brasil, alguns pintores se notabilizaram ao empregarem a estética do grafite, utilizando-se, geralmente, de moldes vazados para sua confecção. Entre estes pintores, Alex Vallauri foi, sem dúvida, o mais importante e o mais conhecido. Influenciado pela *pop art* americana, ele trabalhava com máscaras de papelão e spray, fazendo uso de uma técnica simples: repetir um tema infinitas vezes, alcançando um alto poder de comunicação (Araújo, 2003).

“A participação dos intelectuais começou a legitimar o grafite como arte”. (KNAUSS, 2001). Exemplo disso foi o reconhecimento de importante corrente da comunidade artística brasileira, organizadora da Bienal de 1987, que convida grafiteiros a expor em suas galerias. Entre os expositores: “Alex Vallauri com a ambientação *A Rainha do Frango Assado*, Waldemar Zaidler com o trabalho *Fiesta* e Carlos Matuck, numa homenagem

aos escritores brasileiros Afonso Lima Barreto, Mário de Andrade e Joaquim Machado de Assis, o trabalho que intitulou *Joaquim, Mário e Afonso*” (RAMOS, 1994).



Fig. 15 e Fig. 16 Ilustrações de Alex Valluri, “Rainha do Frango Assado” (Retiradas do site <http://arteveral.blogspot.com/2008/10/o-carro-da-rainha-do-frango-assado.html>).

O livro *Brasil: Tempo de Gentileza*, de Leonardo Caravan Gulman, retrata os grafites de José Dadrino, realizados nos bairros de Leopoldina e Caju entre 1960 e 1990, mostrando uma arte dissociada do *hip-hop* e mais associada a .

Na produtiva década de 1980, basicamente radicada em São Paulo, até s a segunda metade da década seguinte, o grafite de muros ganhou diferentes formas, volumes e combinações de cores em suas composições, associando-se diretamente às práticas musicais e de lazer juvenis. Ligado, deste modo, às dimensões do lazer urbano, da crítica social e política e a uma filiação ideológica específicas, os grafites surgem como exercícios indispensáveis para a constituição autônoma das identidades individuais e coletivas dos sujeitos envolvidos (Araújo, 2003).

Outros grafiteiros também devem ser lembrados pela importância na sua contribuição para tornar conhecida a arte do grafite. Nomes como Jaime Prades, que via no grafite uma subversão do espaço, da qualidade de vida e da arte urbanas como se encontravam constituídos, Paulo Carratü e Maurício Villaça, que primavam pela participação do público na confecção do grafite e Rui Amaral, que pintou nas ruas de São Paulo com Haring, impulsionaram bastante o grafite no cenário nacional (Araújo, 2003).

Entretanto, o grafite teve sua fixação no Brasil na década de 80, o que pode ser considerado como tardio, mas teve uma grande aceitação pelas classes sociais menos favorecidas, pois se identificaram com os acontecimentos do seu local de procedência, o gueto de Nova Iorque (Gitahy, 1999).

Atualmente, o grafite tem ganhado força e apoio por parte de entidades nacionais, internacionais e pelo próprio governo. Alguns exemplos disso são as notícias que aparecem nos jornais virtuais e, até mesmo, nos impressos. No site do jornal Empresa Brasil de Comunicação é possível encontrar algumas matérias sobre o assunto. Como por exemplo, a utilização do grafite em projetos sociais no morro do Alemão; há também o MUF – Museu de Favela – que conta com a exposição de projetos nas ruas do complexo de favelas Pavão-pavãozinho, no Rio de Janeiro. Nas grandes metrópoles podem-se encontrar trabalhos de grafiteiros sendo apoiados e financiados por grandes empresas. Em São Paulo, a agência Quixote Spray Arte tem vendido cerca de 50 metros quadrados de grafite por ano a comerciantes, bancos e organização de eventos.

8. Grafite em Brasília

“Grafite é uma arte e seu autor um artista, que passará a ter chance de ter até uma remuneração. A pichação é uma agressão ao patrimônio, uma agressão ambiental e como tal punível como crime que pode levar até um ano de prisão” **Deputado Geraldo Magela**

Em Brasília não poderia ser diferente. Por se tratar da capital do país, pode-se ver que há uma maior preocupação por parte do governo local em manter a beleza, a segurança e o equilíbrio visual na cidade. Em uma estratégia para combater a criminalidade e promover a integração social e artística, foi criado e implementado pela Secretaria de Segurança Pública – SSP –, em 1999, o programa *Picasso não pichava*. Um dos seus objetivos é utilizar o grafite como forma de incentivar a arte e reduzir a pichação (Schürmann, 2007). Em 2005 o programa realizou um projeto de revitalização de espaços públicos. Contou com a participação de grafiteiros que criaram murais nas paradas de ônibus do plano piloto além de acessos à galeria, no centro, localizada perto da rodoviária. Atualmente os grafiteiros atuam em espaços públicos cedidos pelas respectivas administrações. É o caso da Praça do Cidadão, em Ceilândia, espaço cedido a grafiteiros pela região administrativa de Ceilândia para expor as obras de arte (Ver fotos 1, 2, 6, 9 e 10).

Um grupo bastante conhecido em Ceilândia, mas que também atua em outras regiões como Sobradinho e Samambaia, é o Força Tarefa, que realiza produções de murais grafitados pela cidade. O grupo surgiu por associação dos próprios artistas em busca de uma forma de se expressar e dar a conhecer suas habilidades e obras. O grupo, muito conhecido nas periferias

de Brasília, recebe chamados para realização de murais em várias regiões administrativas. As suas obras têm causado bastante admiração e até empresas privadas contratam os seus serviços.

Em uma tentativa de diminuir o número de pichações na região, e influenciados pelo projeto da Secretaria de Segurança Pública – Picasso não pichava – algumas empresas privadas realizam contratos com grafiteiros locais para a realização destes murais. Na cidade de Ceilândia, a construtora MB Engenharia contatou o grupo de grafiteiros para realização de um mural localizado na faculdade vizinha ao condomínio da empresa. (A matéria encontra-se no site www.revistafator.com.br)

Este tipo de prática encontra-se cada vez mais comum em Brasília. Aparentemente influenciados pelos resultados do projeto da SSP, e pelas formas e cores que chamam a atenção, cada vez mais empresas recorrem ao uso de grafite e grafiteiros como forma de divulgar e decorar as fachadas com logotipos do estabelecimento comercial.



Fig. 17. Fachada de uma loja de bicicletas em Taguatinga.



Fig. 18. Mural decorativo em loja de pijamas em Taguatinga

A prática não se mantém restrita a lojas, existem ainda, pessoas que fazem uso do grafite como forma de decoração de murais em casas.



Fig. 19. Mural grafitado em uma casa localizada em Riacho Fundo II

O apoio ao grafite encontra-se cada vez mais presente no Brasil e, conseqüentemente, na sua capital. O surgimento de programas que utilizam o grafite como meio de expressão, arte e forma de capacitação reforça a idéia da mudança no conceito com relação ao grafite, não mais visto como vandalismo. É o exemplificado no projeto do SESI-DF com apoio da Rede Globo, o concurso “*Pintando Minha Capital*” realizado em Brasília em 2010 que teve como objetivo fazer uma homenagem a Brasília e, para isso, reuniu pessoas de todas as regiões da cidade que tivessem habilidade no grafite para execução de murais. Os inscritos tiveram que realizar uma obra em folha de papel para serem avaliados e, posteriormente, foram julgados e selecionados três para serem exibidos na Praça das Fontes. Os selecionados reproduziram a obra selecionada pela comissão, em painéis de compensado e tiveram que pintar com tinta acrílica. O tamanho dos painéis foi padronizado em 220 cm x 140 cm x 1 cm (Regulamento do Concurso).

9. Atualidades

Até dia 26 de maio de 2011 o grafite era considerado como uma contravenção pelo código penal, isto é, era considerado apenas como uma infração leve, muitas vezes sendo punida com prisão simples e/ ou multa. A partir desta data, tanto a pichação como o Grafite,

desde que executado sem a devida autorização do dono do local ou do órgão responsável quando se tratar de propriedade pública, passaram a ser considerados crimes pela vara judicial. A nova lei 12.408 também proíbe o comércio de tinta spray para menores de 18 anos e obriga os comerciantes a emitirem nota fiscal junto com a identidade do comprador além de obrigar às empresas que confeccionam a tinta spray a manter visível a frase “Pichação é crime”.

Esta lei também revela que a prática do grafite como meio de valorização patrimonial e manifestação artística não é crime, desde que haja consentimento do proprietário ou responsável

Atualmente existem outros projetos que buscam, através do grafite, a reinserção social de presos por diversos crimes. A idéia partiu do Juiz da Vara de Execuções Criminais da cidade de Guarulhos, em São Paulo, Jayme García Junior. Em parceria com um dos presos, o rapper conhecido com Dexter, e com o Instituto Crescer, foram oferecidas oficinas de atividades culturais dentro do complexo penitenciário, incluindo aulas de grafite, DJ e hip-hop. Segundo o juiz *“Quando a sociedade se dispõe a entrar no cárcere para mostrar ao sentenciado que ele tem outras opções, mostra na verdade que ele é um ser humano e pode ter uma segunda chance”*. (Reportagem do dia 13 de Junho de 2011 do jornal Folha em: www.folha.uol.com.br).

10. Produto

O grafite possui vários estilos, porém, no ensaio fotográfico realizado, foi retratado o grafite que mostra personagens, pois, além de não ser muito comum em Brasília, chama a atenção pelas expressões retratadas nos rostos. O ensaio fotográfico foi exposto na Faculdade de Comunicação. Foram selecionadas 20 fotografias sendo 10 de grafite e 10 de pichação. As fotografias foram tomadas dentro do Plano Piloto e nas cidades satélite. O ensaio fotográfico mostra a diferença estética que existe entre a pichação e o grafite, tendo como referência as características citadas por Gitahy. Estas características foram levadas em conta no momento de retratar as obras pelas ruas da cidade. As amostras fotográficas dos murais foram expostas a fim de retratar o lado artístico do grafite e, ao mesmo tempo, fazer a comparação com a pichação.

Para Gitahy (1999), a linguagem utilizada no grafite pode ser considerada estética ou conceitual, sendo as classificações mostradas numeradas a seguir:

Estéticas:

- Expressão plástica figurativa e abstrata
- Utilização de traço ou massa para definição de formas
- Natureza gráfica ou pictórica
- Utilização, basicamente, de imagens do inconsciente coletivo, produzindo releituras de imagens
- Repetição de um esmo original por meio de matriz
- Repetição de um mesmo estilo quando feito a Mao livre

Conceituais:

- Subversivo, espontâneo, gratuito, efêmero
- Discute e denuncia valores sociais, políticos e econômicos com humor e ironia.
- Apropria-se do meio urbano a fim de discutir, recriar e imprimir a interferência humana na arquitetura da metrópole
- Democratiza e desburocratiza a arte, aproximando-a do homem, sem distinção de raça ou de credo
- Reproduz em espaço aberto a sua galeria urbana, pois espaços fechados são quase sempre inacessíveis.

A seguir estão as fotos a serem utilizadas na exposição, sendo classificadas em Pichação ou Grafite. As fotos sobre grafite foram selecionadas seguindo as classificações dadas por Gitahy.

Grafite



Foto 1: Mural grafitado na Praça do Cidadão na Ceilândia retratando a população local economicamente menos favorecida.



Foto 2: Grafite retratando o valor, o amor à vida e a esperança de uma nova geração. Localizado na Praça do cidadão, na Ceilândia.



Foto 3: O skate é muitas vezes associado ao grafite, pois, é um esporte associado também à vida urbana e aos jovens (CONIC).



Foto 4: Parede de casa no Riacho Fundo II

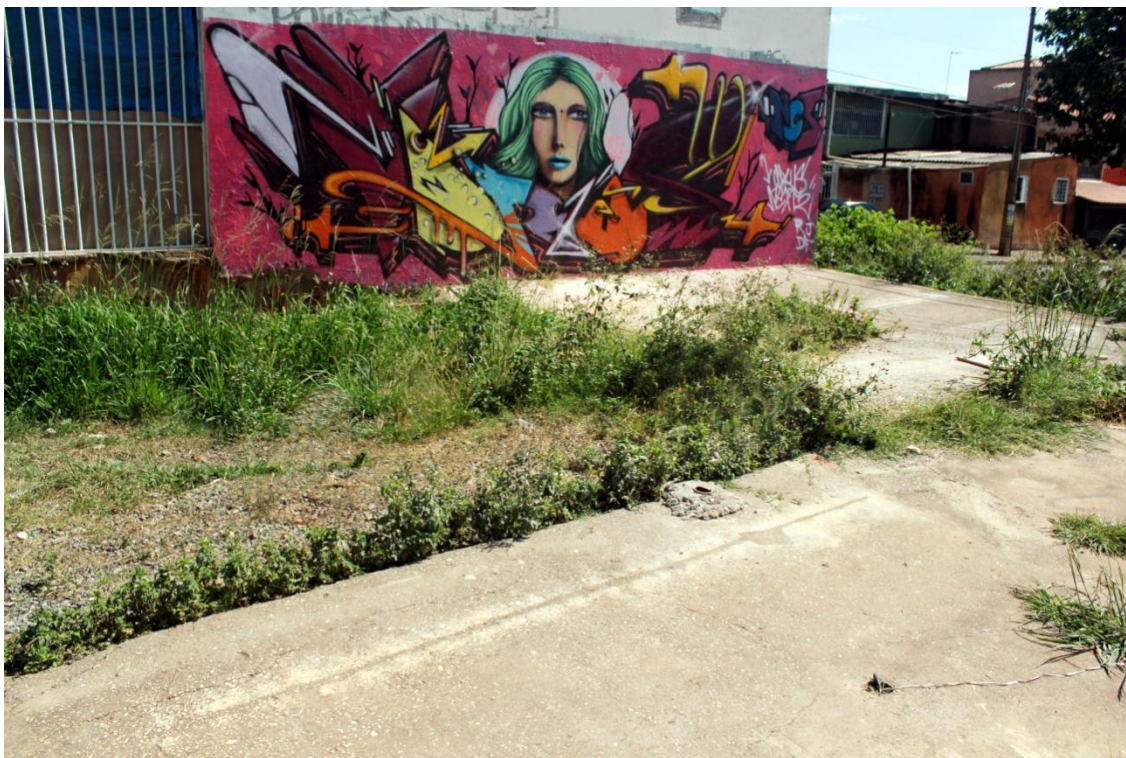


Foto 5: Explosão de cores chamativas em cenário anódino em Samambaia.



Foto 6: Grafite retratando crenças pode ser visto na Praça do Cidadão, na Ceilândia.



Foto 7: Espaço cultural Renato Russo na Asa Sul



Foto 8: Grafite no Espaço cultural Renato Russo, na Asa.



Foto 9: Grafite mostrando cultura e tendências urbanas comuns entre jovens da Ceilândia.



Foto 10: Grafite retratando a dança urbana, o *Break*, muito comum entre o estilo urbano, e praticado pelos jovens na Ceilândia, no prédio de inclusão digital da Praça do Cidadão.

Pichação



Foto 11: Comercial da 408 Norte



Foto 12: Moradias pichadas na quadra 708 Sul



Foto 13: Grafite comercial pichado na avenida W3 Norte.



Foto 14: Grafite pichado em muro residencial casa em Taguatinga.



Foto 15: Fachadas do comércio na avenida W3.



Foto 16: Casas na W3 Sul



Foto 17: Banca de jornal e revistas na 707 Sul.



Foto 18: Lanchonete em ponto de ônibus na avenida W3 sul.



Foto 19: Muro de viaduto na avenida Eixão pichado com mensagens contra o ex-presidente americano durante sua visita ao Brasil e, por cima, tags e mensagens de pichadores.



Foto 20: Parede de comércio local na avenida W3 Norte.

Roteiro:

Para obter as fotos, foi realizado um roteiro de locais a serem visitados dentro da cidade de Brasília e o seu entorno com a finalidade de localizar o maior número de murais de grafite e pichações possíveis para uma posterior seleção para a exposição. Os locais visitados primeiramente foram as Asas Sul e Norte. Nestes bairros não foram localizados murais de qualidade ou, quando encontrados, encontravam-se pichados. As localidades seguintes foram as cidades satélite. As cidades visitadas foram Núcleo Bandeirante, Riacho Fundo I e II, Taguatinga, Ceilândia e Samambaia. O maior número de murais encontrados, e sem pichações, foram nas cidades satélites de Ceilândia, Samambaia e Taguatinga. A possível resposta para isso é que nessas regiões existe um respeito pelo grafiteiro e o sua arte é mais valorizada que no centro da cidade, conseqüentemente, encontram-se mais murais nestas regiões. No plano piloto este tipo de arte urbana encontra-se restrita a apenas alguns locais, como espaços culturais, espaços públicos para obras de programas sociais e, em uma minoria, alguns muros ou comércios que contrataram os serviços.

11. Conclusão

Apesar dos esforços realizados pelos órgãos públicos, ainda há um preconceito social, que considera o grafite como uma forma de vandalismo, ainda ligado à marginalidade e à violência. Porém, a maioria dos murais possui uma mensagem que tratam sobre injustiça, dificuldades sociais ou, até mesmo, o lado humanitário de situações e projetos sociais.

Todos estes casos exemplificam o uso do grafite como forma de expressão e protesto contra situações que causam desconforto ou revolta provocados, na maioria das vezes, pelo governo, política ou comportamento social local ou internacional. Não é difícil de imaginar que grande parte da sociedade ainda veja o grafite como vandalismo, uma vez que o próprio governo e os órgãos públicos o classificaram assim de forma ativa há algumas décadas, tentando, e em alguns casos como durante a ditadura, reduzir a propaganda contra o governo, governantes ou políticas. Apesar de ainda existir essa prática de expressão anti-governo, a maior parte das pichações funciona como forma de vandalizar os espaços públicos e privados, degenerando a imagem da cidade, como mostrado nas fotos da exposição.

Atualmente, o grafite não é mais utilizado apenas como forma de protesto, mas, também, como forma de arte que exhibe linhas e figuras que acompanham o cotidiano da

cidade, como retratado no livro *Arte urbana dos cinco continentes: O mundo do grafite* de Nicholas Ganz.

O grafite teve grandes influências de várias épocas de desenvolvimento da arte. Podem-se verificar a presença das cores utilizadas no Fauvismo, como nas obras de Henri Matisse, as expressões emocionais e psicológicas do Expressionismo como retratadas por Georges Rouault, e Oscar Kokoshka, as formas abstratas do Cubismo como retratadas por Pablo Picasso e, posteriormente, os temas retratados na *Pop art* na década de 50 nos Estados Unidos. Os murais retratados na exposição possuem visivelmente pelo menos duas destas influências, apesar de que a maioria deles apresenta cores chamativas e temas do dia-a-dia.

Todas essas eras da vanguarda da arte do século XX se fazem presentes no grafite, sejam como um todo, ou alguns elementos visíveis nos murais. Apesar de ter sido renegado no seu surgimento, o grafite constitui parte da história do homem, do povo e das cidades. Ele contém na sua essência, elementos das grandes obras dos pintores mais famosos do mundo, portanto, o grafite é uma arte pública e gratuita que, além de nos fazer refletir, permite-nos admirá-la durante nosso dia-a-dia e faz parte das nossas vidas.

12. Bibliografia

ARAÚJO, M.S. “Muro + spray: os jovens e os grafites de muros como produções estéticas críticas no ambiente urbano.” Antropologia Cultural (PPGSA/IFCS/UFRJ). Florianópolis, SC. 2003.

BECKETT, W. **Historia da pintura**. Editora Ática, São Paulo. 1997

CORNIANI, F.R. Rap: “Uma manifestação folclórica urbana.” Revista brasileira de Comunicação. São Paulo, 2003.

CRUZ, D.M; COSTA, M.T. “Grafite e pichação – Que comunicação é esta?” LINHAS, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 95 – 112. 2008.

GANZ N. **Arte urbana dos cinco continentes. O mundo do grafite**. Ed. Thames & Hudson Ltd. Londres, Reino unido. 2004.

GITAHY, C. **O que é grafitti**. Editora Brasiliense. São Paulo, S.P. 1999.

KNAUSS, P. “Grafite Urbano Contemporâneo”. In: TORRES, Sônia (org.). Raízes e rumos – perspectivas interdisciplinares em estudos americanos. Ed.7 Letras, p. 334- 353. Rio de Janeiro, RJ. 2001.

LAZZARIN, L. F. “Grafite e o Ensino da Arte”. Revista Educação & Realidade. 32(1): 59-74, jan/jun. 2007.

PALMEIRA, Marcos Henrique e FRANÇA, Belisário. “Projeto Graffiti - Parceria Entre Escola, Comunidade e Projeto Guanabara”. Em: *Anais do 7º Encontro de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte, 12-15 set. 2004*. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/proex/arquivos/7Encontro/Cultura8.pdf>> Acessado em 04 de junho de 2011.

RAMOS, C.M. **Grafite, Pichação & Cia.** Ed. Annablume. São Paulo, SP. 1994.

SANTOS, M.S.G. “Arte de Rua nas Ruas de Natal Arte de Rua nas Ruas de Natal”. XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Campina Grande - PB. 2008.

SCHULTZ, V. “Intervenções urbanas, arte e escola: experimentações e *afectos* no meio urbano e escolar”. 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas “Entre Territórios”. Cachoeira, BA. 2010

ZUIN, A. L. A. “O grafite da vila madalena: uma abordagem sociossemiotica.” São Paulo, S.P. 2004.